V COMA COLETIVO DA PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE UnB

TERRITÓRIOS EXPRESSIVOS: PESQUISA E CRIAÇÃO

Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Programa de Pós-graduação em Arte

ISSN 2357-8831

"MATINTA"[1]: UMA ALEGORIA DE RESISTÊNCIA DA CULTURA POPULAR AMAZÔNICA[2]

Ana Carolina Chagas Marçal - UFPA[3]

RESUMO: Este artigo propõe a leitura do curta-metragem paraense "Matinta", dirigido por Fernando Segtowick, lançado em 2010, como uma alegoria de resistência da cultura popular, já que a obra fílmica reinventa o mito da Matinta Perera, importante figura do imaginário caboclo, ao mesmo tempo em que estabelece uma relação direta entre o espectador e os elementos da cultura amazônica. O trabalho demonstra que o filme, ao transportar o imaginário amazônico para as telas de cinema, confere a ele novos significados e interpretações possíveis, conciliando noções aparentemente opostas: o global e o local, o tradicional e o contemporâneo, além do culto e popular.

Palavras-chave: Matinta, cultura amazônica, alegoria

ABSTRACT: This paper proposes an overview of the short film "Matinta", from Pará, directed by Fernando Segtowick, released in 2010, as an a*llegory* of the popular culture resistance since the film work reinvents the myth of Matinta Perera, an important character of the popular imaginary, while establishing a direct relationship between the spectator and the elements of Amazonian culture. The work demonstrates that the film, by conveying the Amazon imagery to movie screens, gives itself new meanings and possible interpretations, reconciling seemingly opposing notions: the global and the local, traditional and contemporary, in addition the worship and the popular.

Keyboards: Matinta; Amazonian culture; allegory.

Sem dúvidas, a obra de arte tem um lugar singular na materialização da

[1] O curta-metragem "Matinta" tem direção de Fernando Segtowick e co-direção de Adriano Barroso. Roteiro de Fernando Segtowick e Adriano Barroso. Direção de Fotografia de Pablo Baião. Som direto de Evandro Lima. Montagem de Atini Pinheiro. Elenco: Dira Paes, Adriano Barroso, Astrea Lucena e Nani Tavares. Ganhou os prêmios de Melhor Atriz e Melhor Som no Festival de Brasília 2010, Melhor Curta Júri Oficial, Melhor Curta Júri Popular, Melhor Curta – Prêmio da Crítica no Festival Amazônia Doc 2011, além de ter sido selecionado para o *Short Film Corner* – Festival de Cannes 2011.

[2] A exemplo de Paes Loureiro em *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*, tomamos "os termos cultura cabocla, cultura popular e cultura amazônica indistintamente uns pelos outros." (LOUREIRO, João de Jesus Paes, 1995, p.34).

[3] Graduada em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Pará (2006), especialista em Artes Visuais pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - PA (2013) e Mestranda em Artes pelo Programa de Pós-graduação em Artes do Instituto de Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará na linha de pesquisa Interfaces em Arte, Cultura e Sociedade, orientanda do Prof. Dr. José Afonso Medeiros de Souza.

TERRITÓRIOS EXPRESSIVOS: PESQUISA E CRIAÇÃO
Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Programa de Pós-graduação em Arte
ISSN 2357-8831

cultura de um povo em bens simbólicos. A música é capaz de registrar costumes e histórias populares, a dança, de dar vida aos ritmos e expressões corporais, a literatura e a poesia são capazes de gravar na forma escrita as paisagens, modos de falar e a atmosfera de um tempo, deixando para as gerações futuras os traços de uma determinada expressão cultural. Assim, o cinema pode ter também papel fundamental no registro e na reafirmação de elementos da cultura e da identidade de um povo.

O curta-metragem "Matinta", de Fernando Segtowick, lançado em 2010, faz a releitura cinematográfica do mito da Matinta Perera. Dentro da mitopoética amazônica, a Matinta Perera é, quase sempre, representada por uma feiticeira capaz de assumir a forma de ave. O canto desse pássaro é interpretado pela cultura popular como o chamado da feiticeira e tem conotação de má sorte e mau agouro. Figura singular no imaginário amazônico, a Matinta é, a um só tempo, temida e venerada pelos habitantes da região.

Segundo Kracauer (ANDREW, 2002), teórico realista do cinema, os filmes têm por característica promover uma reaproximação do homem com o mundo e a realidade que o cerca, tendo por função ressintonizá-lo com as coisas da terra. Nessa perspectiva, podemos dizer que o filme de Segtowick nos propõe uma reconexão com a cultura e com o imaginário amazônico. Ao deslocar essa importante lenda do imaginário popular, acrescentando-lhe novas nuances, a obra fílmica reinventa o mito da Matinta ao mesmo tempo em que estabelece uma relação direta entre o espectador e os elementos da cultura amazônica.

Análoga à ideia de cultura nacional, a cultura amazônica também pode ser entendida como "uma fonte de significado, um foco de identificação e um sistema de representação" (HALL, 2006, p.57-58). A cultura amazônica e sua mitopoética constroem sentido sobre o espaço em que vivemos, a maneira como nos relacionamos com a natureza, logo, fazem parte direta da concepção de identidade de sujeitos que precisam se relacionar com a floresta, o rio, a fauna, mesmo quando inseridos no espaço urbano das grandes cidades. Elementos que fazem de nós membro da mesma

TERRITÓRIOS EXPRESSIVOS: PESQUISA E CRIAÇÃO
Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Programa de Pós-graduação em Arte
ISSN 2357-8831

"aldeia imaginada"[4].

Se o sujeito na contemporaneidade é fragmentado, dotado de múltiplas identidades, como conclui Stuart Hall (2006), podemos dizer que antes de termos uma identidade nacional, também temos uma identidade regional. Essa identidade amazônica perpassa, portanto, por um sistema simbólico em que a mitopoética tem um papel fundamental em conjunto com outras formas simbólicas: a religiosidade, a música, a culinária, entre outros. Todo esse conjunto que identifica o sujeito como pertencente à cultura amazônica.

É justo dizer que na contemporaneidade a cultura amazônica está sempre em embate com formas de cultura exteriores, seja em relação ao que denominamos como cultura nacional ou em relação às diversas expressões culturais vindas de todas as partes do globo a que a indústria cultural, os meios de comunicação de massa e o consumo nos colocam em contato. Portanto, a cultura amazônica está articulando, constantemente, maneiras de sobreviver diante do que vem de fora, sendo contaminada por outras culturas e por que não também contaminando?

Desse processo de trocas, assimilações, contaminações culturais e da tentativa de homogeneização por meio de uma cultura global que favoreça as lógicas do capital surge, em contrapartida, o interesse e a valorização das culturas locais (HALL, 2006). Diante disso, propomos a leitura do filme "Matinta" como uma alegoria de resistência da cultura popular amazônica, já que o mesmo é capaz de absorver elementos visuais, sonoros e narrativos oriundos do universo popular e combiná-los com elementos da cultura de massa e da linguagem cinematográfica. Com essa troca entre o local e o global, o tradicional e o contemporâneo, a cultura amazônica encontra novas maneiras de reverberar para além da oralidade cabocla. Ela se encontra agora eternizada na película.

Alegoria de resistência não no sentido de fazer frente a uma cultura global,

[4] Em *A identidade cultural na pós-modernidade*, Stuart Hall utiliza o termo "comunidade imaginada" para designar a ideia de nação. Tomamos a liberdade de fazer uma pequena adaptação do termo.

TERRITÓRIOS EXPRESSIVOS: PESQUISA E CRIAÇÃO
Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Programa de Pós-graduação em Arte
ISSN 2357-8831

que a todo custo tenta lhe sufocar, muito menos no sentido de embate entre forças opostas. Mas sim alegoria de resistência no sentido de se propor como obra de arte a um diálogo entre a cultura popular amazônica e outras expressões culturais que lhe são externas, ao transformar uma lenda amazônica em uma estória universal de desejo e paixão, renovando e dando um novo fôlego à narrativa da Matinta Perera. Alegoria que ganha sentido ao ser entendida a partir do conceito atribuído por Ismail Xavier a essa forma discursiva:

> A alegoria, se encarada como expressão da sensibilidade moderna, distancia-se de sua imagem tradicional de arte voltada para efeitos pedagógicos convencionais. Torna-se signo de uma nova consciência histórica, em que o gosto por analogias e por uma memória viva do passado não é tomado como celebração de uma identidade que equaciona passado e presente, mas como experiência capaz de nos ensinar que a repetição é sempre ilusória e que fatos antigos, assim como signos antigos, perdem seu significado "original" quando analisados de uma nova perspectiva (XAVIER, 2005, p.362).

Podemos dizer, assim, que em uma interpretação alegórica, a personagem Nazaré (Astrea Lucena) representa a sabedoria popular. Na trama do filme, é a ela que Felício (Adriano Barroso) recorre na tentativa de curar a esposa, Antônia (Nani Tavares). O caboclo é colocado aqui como aquele que é detentor do conhecimento antigo das ervas, beberagens, garrafadas[5], o único capaz de interpretar os segredos da floresta. Não é à toa que avó Nazaré é a única que reconhece no súbito mal de Antônia as marcas da feitiçaria da Matinta (Dira Paes). É também por meio deste personagem que o conflito é resolvido e a identidade da Matinta é revelada.

Ao colocar este personagem como papel-chave dentro da narrativa cinematográfica, o curta-metragem enaltece a cultura popular como forma de conhecimento, além de destacar a importância dos detentores deste tipo de sabedoria para as comunidades ribeirinhas, nem sempre contempladas com a assistência da medicina convencional. Anthony Giddens resume assim a relação das sociedades

[5] Garrafadas são remédios populares preparados a partir da infusão de ervas da flora amazônica que, segundo a sabedoria cabocla, são capazes de curar diversas afecções.

TERRITÓRIOS EXPRESSIVOS: PESQUISA E CRIAÇÃO
Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Programa de Pós-graduação em Arte
ISSN 2357-8831

tradicionais com o passado e as tradições:

> (…) nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes (GIDDENS, 1990, p. 37-38 apud HALL, p. 14).

Em um ambiente em que a transmissão da cultura é feita basicamente por meio da oralidade, a figura mais velha, o ancião, tem um lugar de destaque como a fonte da memória, da sabedoria popular e dos costumes antigos. Nazaré entra aqui também como metáfora de uma cultura que, apesar de todas as interferências externas, teima em existir e resistir. Sua importância crucial para a resolução da narrativa do filme traduz alegoricamente a própria relevância da figura dos "mais velhos" para a permanência da cultura amazônica como um elemento de nossa identidade.

Dessa forma, "Matinta" ressalta que, apesar de todos os avanços tecnológicos e científicos, a sabedoria popular continua a ser fonte confiável de conhecimento e que ocupa espaço singular em nosso imaginário. O mal representado pela Matinta jamais poderia ser vencido sem este tipo de saber. Ao destacar o conhecimento popular desta maneira, o curta-metragem parece nos convidar a valorizar e celebrar as raízes ribeirinhas que formam a base da cultura amazônica.

Jogo poético entre o visível e o imaginal

Uma releitura por si só tem por característica acrescentar ou modificar traços do que já é conhecido com intuito de (re)criar algo novo. Assim, o curta-metragem nos propõe um deslocamento da representação da Matinta não mais como uma figura idosa, mas como uma mulher jovem e sedutora. Se para o imaginário popular a Matinta Perera é uma feiticeira velha, vestida com xale preto, que bate de porta em porta à procura de rolo de fumo, tabaco ou café, na versão *pop* de Fernando Segtowick ela representa o desejo feminino e a busca pela realização amorosa. A

TERRITÓRIOS EXPRESSIVOS: PESQUISA E CRIAÇÃO
Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Programa de Pós-graduação em Arte
ISSN 2357-8831

dualidade de seu caráter continua aqui preservada: a Matinta de Segtowick ainda é uma feiticeira poderosa que pode causar o mal daqueles que não atendem a seus desejos. Mas ela também ganha novas nuances: a sensualidade feminina, o impulso do desejo carnal e a inveja da relação amorosa bem-sucedida. Dessa maneira, podemos dizer que pela criatividade do roteiro do curta-metragem, a lenda da Matinta Perera expande seu universo simbólico, ganhando novas características narrativas.

Como parte de uma narrativa oral, o mito da Matinta Perera sofre variações dentro do território amazônico, por vezes ela pode até mesmo ser descrita como um homem, no entanto, ela dificilmente é descrita como uma jovem mulher sedutora. A questão do desejo carnal apresentada no roteiro se encontra de certa forma diluída em sua mitologia, na medida em que as práticas de bruxaria e feitiçaria, quase sempre, se encontram associadas à livre expressão da sexualidade feminina e sua consequente condenação por parte da moral cristã. Como esclarece Fares sobre um dos possíveis motivos levantados pelos relatos orais no município de Bragança, Pará, para o fardo das Matintas Pereras: "Ela cumpre o fadário, porque no tempo da Cabanagem[6], junto com os cabanos, fazia orgias nos cemitérios – 'matinta perera são essas bruxas velhas que quando moças cometeram grandes pecados e por isso ficam cumprindo seu fadário" (FARES, 2007, apud SILVA JÚNIOR; SIMÕES, 2013, p.191).

As Matintas Pereras têm origens diversas e múltiplas formas dentro do imaginário amazônico. Fato que possivelmente facilitou sua reinvenção por parte do curta-metragem. Como afirma Fares a respeito da natureza das Matintas Pereras:

> Apesar do núcleo invariante, que a define, a matinta perera tem personalidade múltipla e movente. Ela pode ser uma das identidades saída da alma do poeta-caboclo; pode ser o efeito dos resíduos dos espíritos indígenas habitantes do entre-lugar dos vivos e dos mortos, das aves agourentas, das bruxas medievais e das entidades vampirescas; pode conter partes da negritude do saci, da gargalhada do curupira, do fado da mula-sem-cabeça, da licantropia do

[6] Revolta popular que aconteceu entre os anos de 1835 e 1840 na província do Grão-Pará (atual Estado do Pará) e que ficou conhecida como Cabanagem, já que parte dos revoltosos era originário das camadas populares e vivia em cabanas nas beiras dos rios.

TERRITÓRIOS EXPRESSIVOS: PESQUISA E CRIAÇÃO
Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Programa de Pós-graduação em Arte
ISSN 2357-8831

> *lobisonho*; pode existir para ajudar as mães a assustar crianças desobedientes, ou para a sociedade justificar a solidão. (FARES, 2007).

Outro ponto que podemos destacar no filme diz respeito aos sons ambientes. A banda sonora do curta-metragem nos apresenta uma série de sons extra-campo que dizem respeito aos ruídos da floresta, dos animais e seres mágicos que lá habitam. Os sons extra-campo de "Matinta" nos remetem o tempo todo ao que não está ali materializado. Daquilo que nos escapa aos olhos, mas que nem por isso deixa de existir, mesmo que seja como produto do imaginário.

Na primeira cena do filme, com a tela ainda em *fade out*, ouvimos a narração em *off* que nos alerta sobre os perigos da Matinta. Voz sem rosto ou identidade que tal qual os sons da floresta enche a tela com o mistério que apenas o imaginário do espectador é capaz de materializar:

> Quem é daqui dos mato tem que ter muito cuidado com o encantado. Quem quer ter paz num se mete com Matinta. Mermo na morte, a bicha é traiçoeira: se responder o chamado dela, não tem reza que dê jeito. Tá com o fardo de virar Matinta (sic).

Na sequência seguinte à cena descrita acima, Antônia caminha na floresta com a filha, enquanto os sons extra-campo ressaltam a ameça que a espreita. O farfalhar das folhas pelo vento, o canto dos pássaros, dos grilos e das cigarras estão ali representados junto ao canto ameaçador da Matinta. No final da sequência, Antônia cai doente sem que nada aparentemente a tenha atacado, ao menos, algo que possa ser visto por olhos humanos.

O terceiro momento se dá quando Felício persegue Walquíria/ Matinta pela floresta logo após o velório de Antônia. Os sons ambiente na forma de passos, sussurros, grasno de pássaro traduzem toda a confusão e desorientação do personagem em sua empreitada de tentar capturar uma criatura que pertence ao mesmo tempo ao mundo real e ao mundo mágico da mitologia amazônica.

Nesse sentido, a banda sonora do filme se comunica diretamente com que Paes Loureiro (1995) ressalta ser uma das características da cultura amazônica: a dialética entre o visível e o imaginal. É neste jogo entre o visível e o imaginal, entre o que pode

TERRITÓRIOS EXPRESSIVOS: PESQUISA E CRIAÇÃO
Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Programa de Pós-graduação em Arte
ISSN 2357-8831

ser visto e o que não, que o imaginário amazônico encontra seu estímulo e sua criatividade. Dotado de uma "surrealidade cotidiana", a cultura amazônica tornou a convivência com o sobrenatural algo da ordem do ordinário, deslocando o encantado do excepcional para o corriqueiro. Portanto, as fronteiras entre o real e o imaginário não estão bem definidas, se encontram esfumaçadas. O que Paes Loureiro chama de componente poetizante e estetizador da cultura amazônica. É assim que conseguimos nos relacionar com tanta naturalidade com as feitiçarias da Matinta e dos outros seres da floresta.

O espaço escolhido para o desenrolar da ação fílmica é o espaço da floresta: *locus* de existência e morada dos encantados[7]. Um lugar para com o qual devemos travar uma relação de respeito, já que lá habitam os seres da mitopoética amazônica. É assim que a câmera passeia por esse espaço com um misto de assombramento e maravilhamento, de pavor e respeito diante da imensidão da floresta, marcado pelo *contra-plongé* com o qual o diretor enquadra a copa das árvores, deixando os espectadores com a sensação de pequeneza diante da grandeza da imensidão verde. Floresta que é vista assim ao mesmo tempo como lugar de contemplação estética e de perigos. Sobre essa relação dicotômica com o espaço da floresta, Paes Loureiro afirma que:

> Na Amazônia, as ideias gerais e preconceituosas sobre a floresta têm oscilado entre uma concepção paradisíaca e uma identificação com o reino das trevas. Édem ou Hades. Mas sempre uma concepção de caráter transcendental. (…) Cabeleira da terra, caminho do visível para o invisível, a floresta recobre o espaço do imaginário, o inconsciente da natureza. (LOUREIRO, 1995, p. 129).

O filme retrata uma típica comunidade ribeirinha, como pode ser observado pela representação das casas de madeira no meio da mata, a relação com a coleta de

[7] "São entidades do mundo sobrenatural da religiosidade popular amazônica, que habitam a floresta e o fundo dos rios e que protegem, não somente homens, como também as comunidades em que os mesmos vivem; venerados sob as formas mais diversas garantem a prosperidade, saúde, felicidade a quem as reverencia." (FIGUEREDO, 1988, apud LOUREIRO, 1995, p.88).

TERRITÓRIOS EXPRESSIVOS: PESQUISA E CRIAÇÃO
Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Programa de Pós-graduação em Arte
ISSN 2357-8831

plantas e extrativismo vegetal na sequência inicial do filme. "Matinta" não faz questão de localizar o espaço representado em um determinado município da região amazônica. A paisagem nos é familiar e poderia fazer parte do cenário de uma cidade do Pará ou de qualquer outro estado da região amazônica. Paes Loureiro (1995) afirma justamente que a cultura ribeirinha é a expressão mais representativa da cultura amazônica, já que conjuga as raízes indígena e cabocla, e vive intensamente a relação direta do homem com a natureza, elemento crucial das narrativas mitopoéticas, da qual a lenda da Matinta Perera toma parte.

Apesar de isolada e às vezes dispersa no imenso território amazônico, essa cultura ribeirinha se espalha para os grandes centros urbanos da região, sendo também assimilada pelo homem amazônico urbano. É preciso levar em consideração o que afirmam *Françoise* e Pierre Grenand: "Identidade cabocla que não pode então ser configurada a um lugar preciso, uma vez que todo ponto humanizado no espaço amazônico é seu". (GRENAND, 1990, p.35 apud LOUREIRO, 1995, p. 28). Podemos afirmar, portanto, que o filme nos apresenta signos visuais, sonoros e narrativos tanto da cultura quanto do imaginário amazônico que somos capazes de identificar.

Cenas de uma tragédia híbrida

As lendas amazônicas podem ser entendidas como "dramatizações dinâmicas da experiência coletiva" (CANCLINI, 2000, p. 219). Isso quer dizer que elas possuem um núcleo narrativo que procura, principalmente, dar sentido à relação do homem com o espaço físico amazônico e seus habitantes: a floresta, o rio, os animais e seres mágicos. Essas narrativas, portanto, seguem a lógica de uma teogonia, já que procuram explicar o mundo do ribeirinho a partir dos próprios elementos encontrados no espaço da floresta.

Assim, o mito da Matinta Perera tem elementos narrativos que se mantêm no discurso oral em diversas partes da Amazônia: o fardo, as oferendas na forma de café ou tabaco, os poderes mágicos. A trama de "Matinta" subverte essa lógica, transformando essa narrativa popular em uma história de suspense. De que doença sofre Antônia? Quem ou o que seria a causa de sua enfermidade? Quem afinal seria a

TERRITÓRIOS EXPRESSIVOS: PESQUISA E CRIAÇÃO
Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Programa de Pós-graduação em Arte
ISSN 2357-8831

Matinta? Qual seu objetivo em causar sofrimento à pobre mulher e sua família? Perguntas que criam a atmosfera de suspense e que fazem com que a narrativa do filme transcorra em um crescente que caminha para a revelação desses mistérios.

Além de flertar com o cinema de gênero, na narrativa cinematográfica apresentada pelo curta-metragem, a lenda da Matinta Perera ganha ares de tragédia grega. É possível identificar, pelo menos, cinco elementos essenciais que compõem a tragédia enquanto gênero.

O primeiro é conhecido como *hýbris,* que em grego significa injúria, violência, blasfêmia. Toda a tragédia tem início a partir da violação da ordem estabelecida por meio do desafio aos poderes instituídos. Em *Édipo Rei*, tragédia de Sófocles, a transgressão acontece, por exemplo, pelo assassinato de Laio, seu pai, cometido pelo personagem-título.

No caso específico de "Matinta", a quebra da ordem estabelecida se dá pelo desejo carnal da personagem Walquíria por um homem casado. Dentro da lógica da moral cristã, a família e o casamento são instituições sagradas que devem ser preservadas diante da ameaça do adultério. Em busca da felicidade amorosa, Walquíria/Matinta recorre à feitiçaria para conquistar seu objeto de desejo, o que leva ao *pathos*, sofrimento progressivo infligido tanto a Antônia quanto a Felício.

É possível identificar ainda o *ágon,* ponto que dá corpo e faz fluir a narrativa trágica, na doença de Antônia, que gera o mistério em torno do qual todo o povoado se reúne. A morte de Antônia introduz a *catástrofe*, o acontecimento trágico que conduz o desenlace, no momento em que a personagem Nazaré, aqui novamente a figura da anciã como ponto crucial da narrativa, enfrenta a Matinta durante o velório, revelando por fim sua identidade.

No entanto, a tragédia não estaria caracterizada na narrativa de "Matinta" sem a *catarse*. É por meio do sacrifício do personagem Felício, tomado de dor pelo falecimento da esposa, que aceita o fardo de virar Matinta, que as emoções e paixões da tragédia do curta-metragem são sanadas. Como nos esclarece Benedito Nunes a respeito dos efeitos narrativos da *catarse*:

TERRITÓRIOS EXPRESSIVOS: PESQUISA E CRIAÇÃO
Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Programa de Pós-graduação em Arte
ISSN 2357-8831

> Efeito específico da tragédia, a *catarse* (depuração, purificação) consiste na neutralização dos sentimentos excessivos – a *comiseração* e o *temor* – que o espetáculo suscita na assistência, e que ele mesmo aplaca, estabelecendo entre aqueles dois estados psíquicos de caráter emocional um equilíbrio que redunda em novo sentimento, mediano, harmonioso, equilibrado, que é, na linguagem da *Poética,* "o termo médio em que os afetos adquirem estado de pureza" (NUNES, 1999, p. 15).

De acordo com a mitopoética amazônica, quando é chegado o momento da morte da Matinta Perera, a entidade enuncia na forma de grito o seu sofrimento: "Quem quer? Quem quer?". Quem responde ao chamado está destinado a virar Matinta. Assim, a resposta positiva de Felício ao chamado de Walquiria/Matinta não só mata a feiticeira, mas também livra o povoado da ameaçada representada por ela, ao mesmo tempo em que representa uma punição pelo adultério. Nesse contexto, portanto, a atitude de Felício tem conotação de purificação e redenção, já que "(…) o sacrifício sanciona em cada caso a passagem de alguma coisa do profano para o sagrado, da esfera humana à divina" (AGAMBEN, 2009, p.45).

Ao combinar a narrativa oral da Matinta Perera aos elementos da tragédia grega, o filme transforma a história desta entidade popular em uma história de apelo universal. A busca de Matinta/Walquiria pela realização amorosa, aqui levada às últimas consequências, pode ser compreendida por qualquer espectador. A luta pela consumação do desejo carnal/amoroso já foi tema de diversos mitos, tragédias, romances e filmes: da Guerra de Troia ao Primo Basílio[8]. Além disso, podemos destacar que a trama de "Matinta" guarda afinidades narrativas com o melodrama ao propor uma luta entre o bem e o mal, a oposição entre desejo carnal e amor/casamento.

Considerações finais

[8] Respectivamente, a batalha entre gregos e troianos descrita por Homero na obra *Ilíada* e o romance do escritor português Eça de Queiroz publicado pela primeira vez em 1878.

TERRITÓRIOS EXPRESSIVOS: PESQUISA E CRIAÇÃO
Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Programa de Pós-graduação em Arte
ISSN 2357-8831

Não estamos aqui defendendo a pureza da cultura local, mas pontuando que na medida em que a cultura amazônica é combinada à cultura de massa, ela se renova, ganhando novas nuances e significados. Um processo cultural que nos parece tão próprio da contemporaneidade.

Nossa ideia não é fazer uma argumentação a favor do preservacionismo a que se dedicam alguns estudiosos da cultura e do folclore. A cultura é dinâmica e se modifica constantemente. Queremos ressaltar, em contrapartida, o papel da obra de arte como fonte renovadora de significantes e significações oriundos deste imaginário amazônico. E assentar a ideia de que a alegoria de resistência no caso específico de "Matinta" se dá na medida em que o filme se constitui em uma estratégia de trocas, reafirmação identitária e conciliações entre a cultura amazônica e a cultura global.

Para Xavier, a alegoria na contemporaneidade surge dos "(...) confrontos ligados às lutas por hegemonia num mundo no qual o choque de culturas e a rede de interesses materiais e sistemas simbólicos tendem a produzir uma instabilidade generalizada." (XAVIER, 2005, p. 378). Portanto, uma maneira legítima de lidar com as interações entre as culturas locais e globais e de se interpretar tais trocas simbólicas, como propomos nessa análise de "Matinta".

Não queremos defender que o imaginário popular amazônico "seja congelado em patrimônios de bens estáveis" (CANCLINI, 2000, p. 219), mas que ainda hoje ele possa ser, guardada as devidas proporções, a expressão da nossa coletividade amazônica e que, por meio da releitura apresentada em "Matinta", ele possa existir e resistir.

Se em toda a cultura existe aquilo que é inegociável e inadmissível para sua sobrevivência enquanto universo simbólico, como nos propõe Canclini (2009), talvez para a cultura amazônica esse inegociável resida justamente em seu imaginário poetizante e estetizador. Como Paes Loureiro reitera a respeito desta maneira singular de expressão cultural:

> A cultura amazônica talvez represente, (…), uma das raras permanências dessa atmosfera espiritual em que o estético, resultante de uma singular relação entre o homem e a natureza se

TERRITÓRIOS EXPRESSIVOS: PESQUISA E CRIAÇÃO
Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Programa de Pós-graduação em Arte
ISSN 2357-8831

> reflete e ilumina a cultura. Cultura que continua sendo, como uma luz aurática brilhando e que persistirá enquanto as chamas das queimadas florestas, provocadas pelas novas empresas que se instalam, com a entrada do grande capital na região e a mudança das relações dos homens entre si, não destruírem, irremediavelmente, o locus que possibilita essa atitude poético-estetizante ainda presente nas vastidões das terras-do-sem-fim amazônico. (LOUREIRO, 1995, p. 63-64).

Diante do processo cultural globalizante, nos parece que é por meio dessas trocas simbólicas que renovam, acrescentam e ressignificam as expressões culturais locais que o imaginário amazônico pode se reafirmar e sobreviver. Assim, "Matinta" se apresenta como uma obra artística que resume o nosso entendimento de resistência cultural na contemporaneidade. Se os cruzamentos culturais "incluem uma reestruturação radical dos vínculos entre o tradicional e o moderno, o popular e o culto, o local e o estrangeiro" (CANCLINI, 2000, p. 241), a obra de arte, aqui representada pelo curta-metragem de Fernando Segtowick, nos parece ter a capacidade redentora de relacionar e redimensionar questões aparentemente inconciliáveis na contemporaneidade: o tradicional e o contemporâneo, o popular e o culto, o local e o global.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios.* Chapecó: Argos, 2009.

ANDREW, James Dudley. *As principais teorias do cinema: uma introdução.* Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michael. *A análise do filme.* Lisboa: Armand Colin, 2004.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.* São Paulo: Edusp, 2000.

CANCLINI, Néstor García. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009

FARES, Josebel Akel. *Imagens da Matinta Perera em contexto amazônico*, 2007. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/boitata/volume-3-2007/Artigo%20Bel.pdf>. Acesso em: 1 de novembro de 2013.

TERRITÓRIOS EXPRESSIVOS: PESQUISA E CRIAÇÃO
Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Programa de Pós-graduação em Arte
ISSN 2357-8831

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura amazônica: uma poética do imaginário.* Belém: Cejup, 1995.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade.* Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

NUNES, Benedito. *Introdução à filosofia da arte.* São Paulo: Ática, 1999.

SEGTOWICK, Fernando. *Matinta*. Belém, 2010. 1 DVD. Ficção, 20 min., cor./som.

SILVA JÚNIOR, Fernando Alves da; SIMÕES, Maria do Perpétuo Socorro Galvão. Imaginário e representação feminina na narrativa mítica da matintaperera, Acarpará – Bragança/PA. *Revista Boitatá*, Londrina, n. 15, p. 181-197, jan-jul 2013.

XAVIER, Ismael. *A alegoria histórica.* In: PESSOA, Fernão Ramos (org.), Teoria Contemporânea do Cinema, Volume I. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.